

# Política torna-se campo das derrotas e vitórias

*Nas batalhas pela democracia, aprimora a vocação de grande negociador*

A partir da articulação de bastidores da anticandidatura de Ulysses Guimarães, nosso "príncipe" passa a ter a política não mais no sangue, mas como sangue — e não pode mais se livrar dela. Depois de fracassar, em 78, na disputa de uma vaga no Senado — perde para Franco Montoro, mas ainda assim obtém 1,3 milhão de votos —, ele se torna enfim senador da República em 82, quando Montoro é eleito governador e cede a vaga a seu suplente. Em 85, tem uma batalha mais árdua: a disputa da prefeitura de São Paulo. Seu principal adversário, Jânio Quadros, procura logo ridicularizá-lo: "Até o prof. Cardoso ficar conhecido em Sapopemba, a eleição já acabou", diz. "Ele não sabe onde fica o bairro". Jânio também não sabia: anuncia uma visita a Sapopemba, mas acaba indo por engano, e sem perceber, à Vila Diva, um bairro vizinho. Mas vence a eleição. Pouco antes, em brincadeira perigosa, Fernando Henrique se senta na cadeira do prefeito — ato que torna ainda mais amarga sua derrota. Durante a campanha, termina vítima de si mesmo e de sua sinceridade: admite que já experimentou maconha na juventude, e não gostou, e que respeita a fé alheia, mas não acredita em Deus. Perde as eleições

**EM 85, NA CAMPANHA PELA PREFEITURA, FOI VÍTIMA DE SI MESMO E DE SUA SINCERIDADE**

por apenas 141 mil votos. Para curtir a fossa da derrota, refugia-se num pequeno apartamento de um amigo em Paris. No ano seguinte vem a desforra: é eleito senador pelo PMDB com mais de 6 milhões de votos.

Aprimora sua vocação de grande negociador. Em 84, diante da crise entre governo militar e a oposição, em lance de estrategista, diz: "Seria fantástico se o dr. Tancredo fosse do PDS. Tudo seria muito mais fácil." Os adversários o acusam de ser um homem de caráter pastoso e predisposto a concordar com seus interlocutores. Revela, então, um segredo que aprendeu nos tempos de escola: para convencer alguém de algo, começa por concordar com seu interlocutor e só depois, quando este está desarmado, passa a exibir os próprios argumentos. O adversário, sem perceber, acaba pensando como ele. Em 87, por fim, declara pela primeira vez, com todas as letras, ter o sonho de ser presidente.

Torna-se chanceler do governo Itamar Franco em outubro de 92 e, ato contínuo, abre caminho para a recuperação financeira do Itamaraty, que estava absolutamente falido. Torna-se, por fim, ministro da Fazenda e articula com lentidão, mas obstinação, o Plano Real — ritmo que lhe vale, depois, a acusação de fabricar um plano "eleitoreiro". Não se apressa. Companheiros do PSDB passam a reclamar que ele gasta mais tempo conversando com políticos de outros partidos. Não se importa. A economia torna-se uma fixação.

A campanha à Presidência, com suas armadilhas, obriga Fernando

Henrique a expor mais do que gostaria sua intimidade. A mulher Ruth, depois de cometer uma deselegância com os parceiros do PFL, recolhe-se ao silêncio quase absoluto. Obrigado a deixar a vida privada em segundo plano, o casal tem pouco tempo para se ver. Rumores insistentes de que adversários lhe preparam uma armadilha — a revelação pública de suposta relação extraconjugal com uma jornalista de TV, que lhe teria dado um filho hoje com 5 anos de idade — não abalam sua serenidade e por fim não se consumam. Ruth, mulher de caráter germânico — basta dizer que, mesmo licenciada, não perde uma só reunião de câmara do Cebrap —, é uma intelectual de voo autônomo. Como antropóloga urbana, tem sólidas pesquisas a exibir na área da violência, da saúde e da condição feminina. "É impossível imaginá-la enclausurada na presidência da LBA", diz o médico e psicanalista Luiz Meyer, outro grande amigo da família. O País poderá ter uma primeira-dama pouco clássica — e muito independente.

Visto mais de perto, Fernando Henrique conserva hábitos que desmentem sua estampa moderna. Como bom "príncipe", tem hoje a imagem adornada por mitos, mas não se cansa de explicar que a realidade é muito mais simples. Quando montou um jegue, em visita ao Nordeste, só o fez — garante — porque o dono do animal desejava tirar uma fotografia. "Foi só uma gentileza", diz. "E era cavalo, mas virou jegue."

Os adversários se alvoroçaram quando o viram, nos jornais, comendo buchada. "As pessoas não sabem que, lá, buchada não é tripa, mas o nome que dão para a carne de cabrito", defende-se. "E sempre adorei cabrito". Rompe, nessas horas, com a imagem padrão do político esperto. "Ele podia ter seguido o caminho do cinismo", diz Luiz Meyer. "Mas escolheu um caminho mais difícil: o da sinceridade". Essa incompetência na arte de dissimular aparece, por exemplo, no gosto de Fernando Henrique pelo pôquer. Apesar de esse ser seu jogo preferido, ele é um jogador medíocre — pois não sabe blefar.

O Plano Real, elaborado a partir das teses de economistas de prestígio como Edmar Bacha, André Lara Resende e Pêrsio Arida, não é a rigor um plano de Fernando Henrique. A carpintaria econômica não é dele, mas o plano não teria nenhuma chance não fosse a montagem de engenharia política que realizou. A começar pela aliança política com o PFL, que garantiu sua aprovação. Ex-colegas de USP e de Cebrap passaram, então, a chamá-lo de "traidor". Não se deixa abalar. "Vivíamos com a idéia de que o Brasil estava destinado ao fracasso", diz o ex-ministro e amigo Luiz Carlos Bresser Pereira. "Fernando Henrique decidiu que isso era falso." É bom enfatizar aqui o verbo "decidir", que Bresser Pereira usa no lugar de "descobrir". Dos fracassos todos sabíamos. A novidade trazida por Fernando Henrique está numa decisão, que agora poderá se incumbir de provar: a de que o fracasso é uma mentira que o Brasil cansou de pregar a si mesmo. (J.C.)